

CIORAN E O CETICISMO NA POLÍTICA

Elvis de Oliveira Mendes*

Resumo: Seríamos nós humanos, animais naturalmente condicionados à idolatria? Essa questão será o centro da reflexão proposta neste estudo. Diante dessa dificuldade, tentaremos refletir à luz do pensamento do filósofo romeno Emil Cioran que, por meio de um pensamento marcado por um profundo “pessimismo cósmico, fatalismo e niilismo” exerce uma crítica radical aquilo que veio a chamar de “ilusões e miragens”, comuns às ideologias de nosso tempo. Descrente da racionalidade moderna e suas pretensões de construção de um mundo perfeito pretende mostrar que essa invasão cientificista às fronteiras dos assuntos humanos, se converteu em tiranias epistêmicas e em seguida, em tiranias práticas, capazes dos mais devastadores autoritarismos em nome de seus devaneios ideológicos.

Palavras-chaves: Cioran, idolatria, fanatismo, ceticismo, vazio.

CIORAN AND THE SKEPTICISM IN POLITICS

Abstract: Are we humans, animals naturally conditioned to idolatry? These question will be the focus of the reflection proposed in this paper. Faced with this difficulty, we'll try to reflect the through of the thought of the Romanian philosopher Emil Cioran, that through a thought marked by a deep "cosmic pessimism, fatalism and nihilism", carries a radical critique of what came to be called "illusions and mirages" common to the ideologies of our time. Unbeliever of modern rationality and its pretensions to the construction of a perfect world, intends to show that this scientific invasion on the frontiers of human affairs has turned into epistemic tyrannies and then into practical tyrannies capable of the most devastating authoritarianism in the name of its ideological dreams.

Keywords: Cioran, idolatry, fanaticism, skepticism, emptiness.

Introdução

“O diabo empalidece comparado a quem dispõe de uma verdade, de sua verdade”

Emil Cioran, *Breviário de Decomposição*.

Trataremos aqui de refletir a partir dos *insights* de um filósofo contemporâneo que dado à agudeza e o teor corrosivo de seu pensamento parece propositalmente nadar

* Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: elvis.oliver@live.com.

contra uma forte correnteza, qual seja, o filósofo romeno Emil Cioran (1911 – 1995). Contemporâneo ao século XX, Cioran nasceu na Transilvânia e foi radicado na França em 1937, onde passou dez anos a escrever em sua língua materna e sem nada publicar já que o francês para ele se configurava como uma barreira frente ao rigor linguístico e à vaidade etnocêntrica dos intelectuais parisienses. Não obstante, em 1947 publica seu primeiro escrito em francês, essa publicação seria a porta de entrada para a aceitação de seu pensamento em sua nova pátria. Em 1951, seu livro *Précis de décomposition* (no Brasil *Breviário de decomposição*) recebe o prêmio *Rivarol*, premiação de grande prestígio na Europa o que o coloca anos depois entre os maiores pensadores franceses.

No Brasil, Cioran é pouco estudado, sendo mais lembrado por suas obras de cunho existencialista e poético, deste modo, suas reflexões políticas são quase sempre negligenciadas. De fato, Cioran não é reconhecidamente um filósofo político e nem possui um tratado de política sistemático, entretanto, há sim uma contribuição significativa nesse sentido em sua obra que pode nos guiar acerca de assuntos políticos, sobretudo, no que se refere a sua crítica às aspirações racionalistas e às tendências revolucionárias dos últimos dois séculos. De fato, Cioran viveu de perto o surgimento e a consolidação dos totalitarismos e as catástrofes causadas pelas crenças ideológicas do século passado, evidentemente, herdou uma experiência sombria de tais eventos. Com efeito, sua filosofia é profundamente marcada por uma escrita trágico-poética, o que traduz bem seu pessimismo e desencantamento quase mórbidos, de quem assistiu aos horrores nefastos provocados pelos mais belos devaneios⁷¹.

⁷¹ Ideologia, idolatria e fanatismo indubitavelmente deveriam ser temas realmente delicados para Cioran, tendo em vista a vergonha que o autor demonstrava quando se referia a alguns eventos de seu passado. Cioran foi um entusiasta do hitlerismo na sua juventude, chegou até a escrever uma obra, um panfleto agressivo onde, declarava paixão pelo fascismo, desenvolveu comentários impregnados de xenofobia e anti-semitismo. O *Schimbarea a fada României* (Transfiguração da Romênia) é o título desse trabalho que Emil Cioran escreveu e publicou em Bucareste em 1936 que possui tradução para o francês (*Transfiguration de la Roumanie*, trad. du roumain par Alain Paruit, L'Herne). Um livro que mostra justamente o caminho cego do fanatismo que mais tarde veio a lhe causar profundo arrependimento. Em 1973, numa carta ao seu irmão, o próprio Cioran demonstrou não entender seu erro juvenil, sobre isso ele diz: “A época em que escrevi *Transfiguração da Romênia* é incrivelmente distante para mim. Às vezes me pergunto se fui eu que a escrevi. De qualquer forma, é melhor eu ir para um passeio no parque de Sibiu... o entusiasmo é uma forma de loucura”. Em 1936, Cioran tinha apenas vinte e cinco anos. Nos anos anteriores estudou na Alemanha, onde se tornou um grande admirador de Heidegger e ficou fascinado com a ascensão do nazismo. De volta para casa, no clima de desconfiança total com o

Sendo assim, o objetivo precípua desse estudo é o de apresentar algumas contribuições desse autor contemporâneo de estilo tão peculiar, apaixonante e encantador para uns, pavoroso, irritante e contraditório para outros. Desta forma, analisar algumas obras específicas que corroborem com a reflexão aqui proposta, a saber; primeiro, se existe coerência na afirmação de que há de fato, uma inclinação natural à idolatria, como aspecto inerente ao humano, o que responderia as várias loucuras e atrocidades feitas em nome das ideologias, sejam elas religiosas, políticas ou humanísticas. Em um segundo momento, colocar em xeque a própria racionalidade e sua capacidade de dá sentido à vida a partir da consolidação de um imaginário de construção de mundos imaculados e sua tentativa de superação do vazio da existência e do caráter absurdo da vida.

O espectro das ideologias: uma genealogia do fanatismo.

Desde tempos imemoriais a capacidade imaginativa dos seres humanos é algo inerente à nossa natureza, assim como à nossa forma de compreensão e de dar sentido ao mundo. O teor simbólico da linguagem nos levou a nomear tudo o que temos contato, e tornar tudo inteligível através de sinais, inclusive não só as coisas que vemos e tocamos, mas também o que simplesmente sentimos e pensamos. De fato, foi essa capacidade que possibilitou tornar este mundo um lar para os humanos. Ora, entre as coisas que nomeamos, significamos e concebemos antropomorficamente estão as ideias, para Cioran, essas que, em um primeiro momento, são concebidas de forma neutra ou deveria ser, posteriormente os humanos dão vida a elas, as animam, dão significado, e ao fazer isso, as transformam em crenças quando são inseridas em um determinado tempo e localidade, se tornam factíveis. “Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas”⁷².

parlamentarismo e com as democracias liberais, o jovem escritor chega perto das posições da Guarda de Ferro, alternando sentimentos antidemocráticos, o misticismo do sacrifício e de um nacionalismo desenfreado. Felizmente, alguns anos depois Cioran desencantou-se completamente com essa atmosfera, e dedicou sua longa vida a minar e levar a ruína qualquer ideologia, fez disso a principal característica de sua filosofia, mesmo nunca tendo negado sua ingenuidade e devaneio de juventude do qual tanto se envergonhava. Talvez por isso percebamos em suas críticas muitas vezes um caráter bastante pessoal.

⁷² CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 11.

Diante disso, sendo então os humanos idólatras por instinto, convertemos em incondicionados os objetos de nossos sonhos e de nossos interesses. A história não passa de um desfile de falsos absolutos, uma sucessão de templos elevados a pretextos, um aviltamento do espírito ante o improvável⁷³. Sendo assim, a partir de uma inspiração nietzschiana, Cioran aplica o método genealógico ao fenômeno humano do fanatismo e reafirma o que fora antes já descoberto por Tocqueville cerca de um século antes, a saber: que há uma paixão religiosa que guia o comportamento do ideólogo.⁷⁴ Desta maneira, Cioran explica que mesmo quando se afasta da religião o homem permanece submetido a ela: esgotando-se em forjar simulacros de deuses, adota-os depois febrilmente, sua necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidência e o ridículo⁷⁵.

Dessa forma, todos os crimes e atos de leviandade podem ser praticados porque o ideólogo está sempre com sua consciência confortavelmente protegida pelo casulo do amor e da adoração à ideia que o guia. O que torna todos aqueles que ousarem não adorar esse *deus ex machina* providencial sob a forma de ideia, em um inimigo real deste amor e que precisa ser exterminado. Portanto, a intransigência e o proselitismo são o comportamento comum tanto ao fanático religioso quanto ao fanático de tipo ideólogo, ambos se alimentam da fé, o primeiro em uma entidade supramundana personificada, o segundo em uma crença mundana abstrata, a ideia transmutada em deus ou o inverso. De fato, como Cioran afirma; “quando a ralé adota um mito, conte com um massacre ou, pior ainda, com uma nova religião”⁷⁶. Nesse sentido, a preguiça intelectual gera o vício, uma série de verdades é elencada e logo se tornam poderosos chavões, intocáveis símbolos de luta, mentiras ditas várias vezes se tornam verdade

⁷³ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 11.

⁷⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de, *O Antigo Regime e a Revolução*, 2º Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2016, p. 14.

⁷⁵ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 11.

⁷⁶ CIORAN, E. M. *Silogismos da Amargura*. Trad. José Carlos Brum. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 96.

como nos ensinou Maquiavel. E assim, “nelas as certezas abundam: suprima-as e suprimirá, sobretudo suas consequências: reconstituíra o paraíso”⁷⁷.

Com efeito, uma teleologia de caráter apocalíptico dá à ideologia um aspecto que se confunde com o próprio sentido da vida humana, e para àquele que não tem mais sentido nenhum para viver esse espírito aparece para reanima-lo como no “*sonho de um homem ridículo*” de Dostoiévski, em que a sua personagem ao se defrontar com a face horrenda do niilismo e com o vazio causado pela ausência total de razão para continuar a viver, não vê motivação melhor do que se sacrificar pela humanidade e se redimir consigo mesmo. A culpa e o remorso tem uma função fundamental nos espíritos tanto do religioso quanto do ideólogo. Ora, o que é a queda se não a busca de uma verdade e a certeza de havê-la encontrado, a paixão por um dogma, o estabelecimento de um dogma? Disso resulta o fanatismo – tara capital que dá ao homem o gosto pela eficácia, pela profecia e pelo terror – lepra lírica que contamina as almas, as submete ou as exalta...⁷⁸ De acordo com Cioran só os indivíduos de espírito verdadeiramente cético escapam desse vírus de efeito alucinógeno, e por isso é preferível caminhar com Pirro a Paulo. Como o próprio Cioran assina-la de forma dramática na passagem a seguir:

Basta-me ouvir alguém falar sinceramente de ideal, de futuro, de filosofia, ouvi-lo dizer “nós” com tom de segurança, invocar os “outros” e sentir-se seu intérprete, para que eu o considere o meu inimigo. Vejo nele um tirano fracassado, quase um carrasco, tão odioso quanto os tiranos e os carrascos da alta classe. É que toda fé exerce uma forma de terror, ainda mais temível quando “os puros” são seus agentes⁷⁹.

Isto posto, a suspeita é a posição inicial e natural do cético, característica genuína do filósofo autêntico que não se deixa seduzir pelos encantos da razão e pelos esforços discursivos do fanático, que não são poucos; ora, vale dizer que “o fanático é incorruptível: se mata por uma ideia, pode igualmente morrer por ela; nos dois casos,

⁷⁷ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 12.

⁷⁸ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 12.

⁷⁹ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 13.

tirano ou mártir, é um monstro”⁸⁰. Mas como a experiência hodierna nos mostra, o fanático não é capaz de produzir suas próprias ideias, com raríssimas exceções, por isso, ele sempre sofre ou morre pela ideia de outrem, um guru, o mentor intelectual da ideia nunca está no campo de batalha, é um farsante, em alguns casos um oportunista, nutre certo fascínio pelos sofismas de Trasímaco e despreza a busca de Sócrates. Por isso nunca sofre um arranhão, é narcísico por excelência, sacia seus caprichos pela bajulação dos crentes de suas ideias, esses últimos, chauvinistas, por sua vez estão sempre bravamente prontos para o embate, porque há nesse sentimento de prontidão e fidelidade uma transcendência sacrificial elevadora dos espíritos medíocres.

A fome de transcendência que está na base das ideologias de nossos dias aparece de forma precisa no romance *Os demônios*, onde por meio das personagens de Stavroguine e Piotr, Dostoiévski mais uma vez visualiza de forma “profética” os desvios e absurdos que a práxis socialista viria a cometer num futuro próximo⁸¹. Nesse sentido, como afirma outro filósofo romeno Vladimir Tismaneanu, “o comunismo foi uma forma de ressentimento. Foi um fundamentalismo político moderno, um engajamento num projeto histórico absoluto”⁸². Afirmação semelhante à de Nietzsche, de que o comunismo é a última tentativa de sobrevivência do despotismo⁸³. Não obstante, o fanatismo político e o niilismo não são apenas uma exclusividade das doutrinas ditas de esquerda, mas está presente também sumariamente, nas doutrinas ditas liberais e suas promessas meritocráticas como no *american way of life*, e seu calvinismo secular. No tocante, Cioran não é um partidário, se o fosse estaria sendo aquilo mesmo que com tanto rigor mais repudiava. Não se pode ignorar que Cioran também tenha desfrutado desse sentimento, fato extremamente curioso, que o próprio

⁸⁰ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 13.

⁸¹ Não por acaso, Josef Stálin banuiu toda obra de Dostoiévski da União Soviética e os países sob sua influência, por considerá-la leitura demasiada “perniciosa” e “não construtiva” para o proletariado russo.

⁸² TISMĂNEANU, Vladimir, *Do Comunismo: o destino de uma religião política*. Trad. Elpídio Mário Dantas Fonseca – Campinas, SP: Vide, Editorial, 2015, p. 10.

⁸³ Em *Humano, demasiado humano*, no aforismo 473 diz Nietzsche: “O socialismo é o fantasioso irmão mais jovem do quase decrépito despotismo, do qual quer herdar; suas aspirações são, portanto, no sentido mais profundo, reacionárias. Pois ele deseja uma plenitude de poder estatal como só a teve alguma vez o despotismo, e até mesmo supera todo o passado por aspirar ao aniquilamento formal do indivíduo: o qual lhe aparece como um injustificado luxo da natureza e deve ser transformado e melhorado por ele em um órgão da comunidade adequado a seus fins”.

Cioran tenha sido entusiasta do hitlerismo na sua juventude. No entanto, ainda muito jovem tenha se afastado dessa e de qualquer ideologia análoga, viu então ainda algo de pior que o fanatismo político aflora de forma mais nítida e declarada nas doutrinas revolucionárias “coletivizantes”, a saber, o desejo de destruição deste mundo para a construção de outro.

Sobre esse desejo de poder e esse anseio de domínio, Cioran aponta que não é uma exclusividade apenas dos poderosos as relações entre os indivíduos não se limitam à mera dualidade entre “mocinhos e vilões”, acerca disso o filósofo Transilvano afirma que:

Os tiranos, uma vez saciada a sua ferocidade, tornam-se inofensivos; tudo voltaria ao normal se os escravos, ciumentos, não pretendessem também saciar a sua. A aspiração do cordeiro a converter-se em lobo suscita a maioria dos acontecimentos. Quem não tem presas, sonha com elas; deseja devorar por sua vez e o consegue pela brutalidade do número. A história, esse dinamismo das vítimas⁸⁴.

Nesse sentido, Cioran nos alerta que: “em todo homem dorme um profeta, e quando ele acorda há um pouco mais de mal no mundo”⁸⁵. Seriam então os humanos proselitistas por natureza, a questão é só despertar isso ou não. Isso vem à luz pelo fato de que nós humanos majoritariamente nos achamos demasiado bons e generosos, predestinados à felicidade ou mesmo a sua busca, e por sabermos o caminho para a felicidade somos sempre compelidos a dá soluções aos problemas alheios, viciados nos palpites terminamos quase sempre, por não saber o que é bom para nós mesmos e alimentamos quase sempre uma existência mal lograda. Assim, o “eu” se torna uma religião, não no sentido de *religare*, mas no seu oposto, o egocêntrico que é capaz de dizer o que é bom ou mau para os outros, mas que termina por corromper a si mesmo.

Diante disso, os impérios forjados pelos sistemas políticos e os castelos metafísicos são frutos de nossa ilusão acerca de nossa importância neste mundo e isso reivindica o nosso instinto profético. Em outras palavras, é a ausência da consciência

⁸⁴ CIORAN, E. M. *Silogismos da Amargura*. Trad. José Carlos Brum. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 94.

⁸⁵ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 14.

dos limites de nossas próprias dimensões em relação ao mundo que faz de nossas vidas demasiado significantes para este mundo, sobretudo no campo das ideias. Afinal, quem consciente de sua insignificância cósmica e monotonia existencial “com a visão exata de sua nulidade, tentaria ser eficaz e erigir-se em salvador?”⁸⁶ No mínimo, é preciso ser muito ingênuo, apaixonado ou maldoso para acreditar ser poderoso o bastante pra salvar este mundo, ou pelo menos, acreditar na possibilidade de tal empreendimento. Por outro lado, é esse sentimento profético que nos engana e nos faz querer viver, é esse espectro que nos faz superar o vazio comum ao mal estar de estar vivo. De fato, mesmo que a história nos mostre o oposto, o imaginário utópico ainda é a regra, como explica Cioran em sua obra *Histoire et Utopie* (História e Utopia):

Interessada na descrição de cidades reais, a história, que atesta em toda parte e sempre o fracasso e não a realização de nossas esperanças, não ratificou nenhuma dessas previsões. Para um Tácito não existe uma Roma ideal. Ao abolir o irracional e o irreparável, a utopia se opõe também à tragédia, paroxismo e quintessência da história. Qualquer conflito desapareceria em uma cidade perfeita; as vontades seriam estranguladas, apaziguadas e milagrosamente convergentes; reinaria somente a unidade, sem o ingrediente do acaso ou da contradição. A utopia é uma mistura de racionalismo pueril e de angelismo secularizado⁸⁷.

De fato, o fanático e o ideólogo desenvolvem um desejo demasiado erótico, um dos mais vorazes fetiches humanos, insaciável por natureza, a saber, o desejo de ser um Deus. Pois no ato de negação, primeiro da espera da salvação divina, e por segundo na crença no paraíso celestial, o mesmo sentimento messiânico de busca pela redenção é então mundanizado. O que torna, por sua vez, a espera algo desnecessário, já que o paraíso não é visto mais como um lugar a chegar, mas sim um lugar a ser construído imediatamente. Se aceito isso, homens e mulheres negam sua condição de criaturas, e se afirmam como criadores, assumem por assim dizer, o caráter do próprio demiurgo, o

⁸⁶ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 14.

⁸⁷ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 58.

que podemos chamar de “ imanentização do *Eschaton* ”⁸⁸. De fato, atribuir um sentido ou significado à história ou ao devir é uma forma radical de crença na providência, sendo assim, “ passar de uma concepção teológica ou metafísica para o materialismo histórico é simplesmente mudar de providencialismo ”⁸⁹. Sobre isso, o comentador ítalo-brasileiro Rossano Pecoraro explica que:

Não se trata de demolir, banal e abruptamente, as especulações filosóficas mais refinadas sobre história e política através da sua redução a uma forma de teologia religiosa, mais ou menos disfarçada. O que Cioran enfatiza – radicalizando estendendo e relançando um dos processos mais singulares e explosivos da modernidade: o da secularização – é o entrelaçamento, ou melhor: a fusão irremediável e ineludível, entre expectativas, remédios, soluções, consolações, enganos, necessidade, escapatórias, vias de fuga, isto é, entre teologia, utopia, esperança, progresso, escatologia, crença, filosofia, religião, messianismo, razão esclarecida⁹⁰.

Atento a isso, Cioran percebe um aspecto ambíguo e complexo comum a *persona* do fanático e ideólogo, pois ele (o ideólogo) enxerga no futuro a redenção através da destruição deste mundo e da construção de um novo. Mas, esse mundo a ser construído agora para o futuro de maneira providencial, remonta uma experiência de um passado perdido, talvez o próprio Éden, um momento privilegiado em que não havia dor, nem sofrimento e que o poder sobre a natureza pertencia ao homem. Deste modo, “ nada desvela melhor o sentido metafísico da nostalgia do que sua impossibilidade de coincidir com algum momento do tempo; por isso ela busca consolo em um passado longínquo, imemorial, refratário aos séculos e como que anterior ao devir ”⁹¹.

Essa expressão nostálgica da existência é então transformada em uma teleologia, portanto, um desejo de retorno a um passado que só será possível no futuro, e por isso

⁸⁸ Essa expressão é proposta pelo intelectual alemão Eric Voegelin em sua obra *A nova Ciência Política* em sua reflexão acerca do surgimento dos totalitarismos. Seria a tentativa de antecipar o juízo final na Terra, capaz de controlar o fluxo da história e assim criar um reino terrestre onde os maus seriam punidos e contados e os bons reinariam. O mundo seria renovado, e o juízo, que o Cristianismo reserva supostamente para outro mundo, seria trazido para o aqui e agora. Conferir em: VOEGELIN, Eric. *Nova Ciência da Política*. Brasília; Ed. UNB, 1982.

⁸⁹ CIORAN, E. M. *Exercícios de admiração*. Trad. José Thomaz Brum, Rocco, Rio de Janeiro, 1998, p. 6.

⁹⁰ PECORARO, Rossano, *Cioran, a filosofia em chamas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 181.

⁹¹ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 58-59.

nunca realizado. Deste modo, esse sentimento em nada se parece com a saudade, já que não há saudade do que não se viveu, essa dimensão se converte então em uma “nostalgia invertida, falseada e viciada, dirigida para o futuro, obnubilada pelo ‘progresso’, réplica temporal, metamorfose disparatada do paraíso original”⁹². Assim, fatalmente, criamos uma paixão incorrigível pelo futuro e transformamos ingenuamente o devir em esperança.

As utopias e a fuga do vazio: uma busca de sentido.

Na iminência vitalícia da morte é que achamos fôlego para viver já que sua exatidão não carece de argumentos, nenhuma filosofia substitui a morte, nenhum poder terreno a supera. “A morte é demasiado exata: todas as razões encontram-se ao seu lado. Misteriosa para nossos instintos delinea-se ante nossa reflexão, límpida, sem prestígios e sem falsos atrativos do desconhecido”⁹³. Embora seja o que há de mais real, é o que menos os indivíduos desejam pensar, então melhor a mentira do que a verdade? Sim, por isso é preferível para a maioria de homens e mulheres as alegorias da religião ou a eloquência ideológica, com uma diferença significativa entre elas, a saber: sem a fé divina entramos num beco sem saída, esse tipo de fé nos guia de alguma maneira, para alguma direção, enquanto a ideologia mais parece um labirinto na busca do nada.

Como foi dito, a morte é exata, a vida é o seu oposto, e é justamente por toda sua falta de sentido, e por seu aspecto dionisíaco de incompletude e desordem que a vida se torna possível, assim “dê um objetivo preciso à vida: ela perde instantaneamente seu atrativo. A inexatidão de seus fins a torna superior à morte – uma gota de precisão a rebaixaria à trivialidade dos túmulos”⁹⁴. Por isso, todo positivismo lógico oriundo da ciência e a precisão argumentativa dos racionalismos filosóficos nada tem a dizer sobre o sentido real da vida, apenas seu fluxo sempiterno de transformação e efemeridade traduzido pelo fogo de Heráclito que a tudo destrói, torna o existir algo possível e

⁹² CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 59.

⁹³ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 18.

⁹⁴ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 19.

cúmplice de nosso desejo. Apesar de completamente desprovida de razão, sentido e coerência, a vida é nossa única escolha, não a única possível, mas a única capaz de nos extrair um sorriso criador de sentido.

O animal humano é naturalmente criador de valores, e por isso delirante por excelência, “vítima da crença de que algo existe”⁹⁵. Por ser assim, tudo que chamamos de real é fruto de nossos devaneios, inclusive o próprio ato de conceber o real, porém, a criação de sentido e conseqüentemente a criação do próprio real, é inevitavelmente necessária à vida. No entanto, essa lógica é colocada em risco quando realidades paralelas pretendem destruir o real efetivado, isso tem um efeito axiologicamente cataclísmico. “o próprio tempo transcorre porque nossos desejos engendram este universo decorativo que uma gota de lucidez desnudaria; um grão de clarividência nos reduz a nossa condição primordial: a nudez...”⁹⁶ nesse sentido, o que está em jogo, para Cioran, é uma verdade inumana, a saber, de que tudo é uma criação humana para preencher nosso vazio de sentido, uma espécie de antídoto contra o tédio.

O problema do fanático, sobretudo o ideólogo revolucionário, é seu desejo voluptuoso e iconoclasta de relativizar todos os valores vigentes (o real efetivado), querer desnudar a existência com sua pseudo lucidez. Porém, ao primeiro movimento de seu oponente na direção de usar de seu mesmo golpe, qual seja, desnudá-lo, o fanático e ideólogo irá se transmutar rapidamente em um reacionário, a defender a sua verdade com todas as suas forças e clamor. Portanto, faz parte da trama do fanático e ideólogo trocar de vestes de acordo com o ato, trocar suas vestes inúmeras vezes e atuar ora como revolucionário, ora como reacionário, ora demônio, ora santo.

De fato, esse parece ser seu maior talento, a dissimulação e seu descompromisso com a coerência, muitos fazem desse talento um motivo para viver diante do tédio e de um desejo que poucos conseguem escapar, o de ser útil. Assim, escapar da inutilidade, característica natural de nossa existência é manter-se vivo, isto é, viver para muitos,

⁹⁵ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p, 22.

⁹⁶ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p, 22.

significa de alguma maneira livra-se do tédio ou do que em certa medida poderíamos chamar de niilismo ou simplesmente desejo para o nada. “E esse nada, esse tudo não pode dar um sentido à vida, mas ao menos a faz perseverar no que é; um estado de não suicídio”⁹⁷.

Sendo assim, manter-se atarefado com as atividades mundanas e suas respectivas exigências e demandas tem um efeito terapêutico fundamental na fuga do tédio e do vazio, a irreflexão. Então, quanto mais envolvido com as atividades do mundo o indivíduo está, se torna menor a possibilidade de pensamento genuíno, a consequência disso é igual a menos dúvidas, mais convicções e pronto, o mecanismo da *lógica equina* de Parmênides está configurado. Por isso, o ócio dos antigos é agora chamado de preguiça, mas Cioran nos alerta que “a preguiça é um ceticismo fisiológico, a dúvida da carne”⁹⁸. O desdém e a indiferença diante da esquizofrenia generalizada dos ocupados e dos ativos é o comportamento comum do cético. Talvez por isso, o cético seja tão indesejável, muitas vezes uma figura intragável, merecedor dos mais sórdidos adjetivos porque é preferível sentir o gosto doce e palatável de sonhos do impossível, ao gosto amargo do óbvio bem diante de nós.

Assim, “a monotonia da existência justifica a tese racionalista; revela-nos um universo legal, onde tudo está previsto e ajustado, a barbárie de nenhuma surpresa vem perturbar sua harmonia”⁹⁹. Esse sintoma que revela nos indivíduos um desejo insaciável de competição é fruto da freneticidade que se mostra como alternativa ao vazio da existência, como argumenta Cioran; “Quem não conheceu a tentação de ser o primeiro na cidade não compreenderá nada do jogo político, da vontade de submeter os outros para convertê-los em objetos, nem adivinhará os elementos de que se compõe a arte do desprezo”¹⁰⁰. Evidentemente que o indivíduo que recusa e consegue resistir a essa

⁹⁷ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 27.

⁹⁸ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 30-31.

⁹⁹ CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 77.

¹⁰⁰ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 29.

sedução é visto como uma espécie de anomalia, a saber: uma parte defeituosa do sistema. Diante de tal esforço, Cioran explica detalhadamente a “receita” para o cético:

Examina-te no momento em que a ambição te atormenta, quando sofres tua febre; depois disseca teus “acessos”. Constatarás que eles são precedidos por sintomas curiosos, por um calor especial que não deixará de seduzir-te nem de alarmar-te. Intoxicado de futuro por haver abusado da esperança, te sentirás subitamente responsável pelo presente e pelo futuro, no coração da duração, carregada de teus estremecimentos, em cujo seio, agente de uma anarquia universal, sonhas explodir. Atento aos acontecimentos de teu cérebro e às vicissitudes de teu sangue, mergulhado em tua perturbação, espreitas e adoras seus signos. Se a loucura política – fonte de transtornos e de mal-estares sem igual – sufoca a inteligência, favorece por outro lado os instintos e te submerge em um caos salutar. A ideia do bem, e sobretudo do mal, que imaginas poder realizar te regozijará e exaltará; e tal será o *tour de force*, o prodígio de teus achaques, que eles te transformarão em senhor de tudo e de todos¹⁰¹.

Por outro lado, diferentemente do cético é dessa ambição doentia que se alimentam os tiranos, de fato os grandes tiranos e os carrascos não são tão diferentes de nós, é possível encontrar tiranos em toda parte, na verdade, difícil mesmo é não encontrá-los aos montes bem em nossa frente. Mas é a história que tem o poder de selecioná-los e de dá aos mesmos o poder de mostrar de fato suas verdadeiras faces. Todos os outros são apenas medíocres, “esta mediocridade, esta impotência, salva a sociedade, assegura sua duração e sua estabilidade”¹⁰². É ela que faz com que nos suportemos e coabitemos o mesmo lugar através das mentiras que contamos todos os dias uns aos outros e das promessas que nunca cumprimos, se isso é bom ou mau, responder não mudará definitivamente nada, talvez seja inevitável reconhecer que isso é simplesmente necessário.

Mas ainda sobre isso, Cioran nos guia a seguinte questão: que, sendo a sociedade o que é, alguns tenham se empenhado em conceber outra, inteiramente diferente. De onde pode provir tanta ingenuidade, ou tanta loucura? Ora, como Aristóteles nos ensina, todos os homens buscam saber, além disso, buscam serem felizes, também diz que a

¹⁰¹ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 29.

¹⁰² CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 54.

felicidade é encontrada no *Bios theoretikos*, isto é, na vida contemplativa, e na *phronesis*, portanto, nos atos de prudência e moderação. Evidentemente não se desconsidera que contemplar também é imaginar, mas é sensato respeitar a linha limítrofe entre o ideal e o possível. Sendo assim, o ser humano por ser um animal capaz de se espantar com o mundo e se deixar *afectar* exerce fascínio sobre si mesmo, inevitavelmente imagina mundos “possíveis”. Por outro lado, o filósofo genuíno (cético por excelência) deve buscar sempre a sensatez, a qual nada o fascina além do que está dado, recomenda assim a felicidade dada, existente; assim, como já foi dito, o filósofo, necessariamente cético é feliz com o que tem, a saber, a experiência da realidade dada, e a consciência de sua ignorância daquilo que não pode experimentar, e por isso não conhece.

De fato, afirmações canônicas como as de Weber e Nietzsche, de que o “mundo teria se desencantado e de que Deus estaria morto”, sendo nós os seus algozes, já não parecem fazer tanto sentido, ou se preferir, precisam ser ressignificadas. O mundo continua encantado, talvez mais do que nunca, e cheio dos deuses, permeado de religiosidade como sempre foi. Porém, as entidades mágicas, e a atmosfera fantasmagórica dos deuses igualmente tomaram variadas formas, se reanimaram de diversas maneiras e signos para todos os gostos e apetites, principalmente através das ideologias e nos sentimento e atitudes as quais essas são capazes de evocar.

Conclusão

Com efeito, Cioran é um descrente da promessa moderna que vê a racionalidade como estrutura de possibilidade de criação de sentido para a vida humana. Sobretudo como possibilidade de construção de um mundo ideal em detrimento deste que já conhecemos. Cético numa possível ornamentação do humano que o torne algo melhor em detrimento do que somos. Nesse sentido, o filósofo Transilvano bebe diretamente da fonte dos antigos, a da simplicidade clássica, de não prometer aquilo que não pode ser dado aos humanos, mesmo que não seja de um todo errado imaginar, mas deve-se evitar que os delírios mágicos, que as elucubrações sobre mundos imaculados se tornem a

última saída para a política e os problemas humanos, já que há um abismo intransponível e profundo entre a imaginação humana e a real condição humana.

Mas, “o homem recusa esta felicidade, e essa simples recusa faz dele um animal histórico, isto é, um amante da felicidade imaginada”¹⁰³. Essa embriaguez é o cerne de toda promessa seja bíblica, reacionária ou revolucionária. Essa paixão pelo futuro, leva os indivíduos ao fenômeno nefasto do niilismo em sua pior manifestação, a saber: o ódio ao presente e o desejo de destruição. Sentimento este que coloca em movimento de marcha “uma multidão de arrebatados que querem um outro mundo, aqui e agora. São eles que inspiram as utopias, é para eles que elas são escritas. Mas lembremos que utopia significa *em parte alguma*”¹⁰⁴.

Ora, se eliminamos o céu e conservamos só a “nova terra”, teremos assim, o segredo e a fórmula dos sistemas utópicos¹⁰⁵. Evidentemente, outro mundo só é imaginado e desejado com tanta volúpia e fervor, por ódio ao que já conhecemos, e por ódio a nós mesmos, deste modo, “a miséria é, efetivamente, a grande auxiliar do utopista, a matéria sobre a qual trabalha, a substância com que nutre seus pensamentos, a providência de suas obsessões”¹⁰⁶. Porém, Cioran nos alerta que é inútil remontar depois ao antigo paraíso ou correr em direção a um futuro de esplendor: o primeiro é inacessível; o segundo, irrealizável.

Portanto, tanto a nostalgia quanto o desejo insaciável pelo novo, são ambos niilistas e destruidores do único mundo possível e da única vida possível. Sendo assim, o que importa, ao contrário, é interiorizar a nostalgia ou a espera, necessariamente frustrada, quando se voltam para o exterior, e obrigá-las a descobrir ou a criar em nós a felicidade da qual, respectivamente, sentimos nostalgia ou esperança. Só há paraíso no mais profundo de nosso ser, e como que no eu do eu; ainda é preciso, para encontrá-lo

¹⁰³ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 54.

¹⁰⁴ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 55.

¹⁰⁵ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 55.

¹⁰⁶ CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014, p. 55.

aí, ter recorrido a todos os paraísos, desaparecidos e possíveis, tê-los amado e detestado com a rudeza do fanatismo, tê-los escutado e rejeitado depois com a competência da decepção. Cioran parece estar a nos desafiar a pensar o mais próximo de Diógenes, sem a nostalgia e sem a utopia, aceitarmos assim, a beleza do eterno presente, parece estar a nos indicar uma espécie de existencialismo político¹⁰⁷.

Em suma, que Cioran se mostra como um autor caro a uma visão política bastante pessimista é explícito e evidente. Assim diante de sua visão amarga acerca da humanidade “Cioran é um moralista rigoroso, uma espécie de místico enraivecido disposto a fazer despertar, por uma revolta que nada apazigua a alma que se deixou aprisionar por ilusões e miragens” como afirma José Thomaz Brum, seu maior pesquisador no Brasil. De fato, precisamente por causa disso, ele era inapto para fazer parte da *intelligentsia* francesa, europeia e mundial, apenas para emergir a mensagem e o valor real de Cioran, desprovido de qualquer cor política, ou melhor, de forma mais precisa se colocava contra isso tendo como fundamental o ato de não ceder às tentações políticas, fossem elas reacionárias ou revolucionárias, seus escritos prezam pela necessidade de monitoramento em todos os momentos, o que torna possível, “filosofar a golpes de punhal, escavar o insustentável. Ou, apenas, (sobre) viver”¹⁰⁸.

Por fim, em direção de elucidar a questão proposta no início dessas considerações, e quiçá trazer uma resposta, satisfatória ou não. O que se conclui da questão que anima esta leitura, é que sim, de fato para Cioran o ser humano é um animal naturalmente idólatra, em sua desesperada busca e criação de sentido, confere uma espécie de aura mágica aos entes; sejam eles objetos, palavras, pensamentos ou outros seres humanos. Em outras palavras, homens e mulheres, na busca de sentido, a fugir do vazio existencial comum que a todos afligem, parecem ser instintivamente conduzidos a transformar ideias em verdades incontestes, sacralizar indivíduos, objetos, criar atmosferas absolutizantes e, sobretudo, transformar conceitos em entes, capazes de construir castelos metafísicos e fazer deles morada.

¹⁰⁷ O existencialismo presente no pensamento de Cioran se mostra de forma bastante distinta ao de seus contemporâneos, é possível conferir isso no texto “*Sobre um empresário de ideias*” do qual Cioran se refere a Jean-Paul Sartre.

¹⁰⁸ PECORARO, Rossano, *Cioran, a filosofia em chamas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p 16.

Dessa forma, diante disso, aqueles que leem Cioran de forma atenta sabem de sua idiossincrasia em relação a todas as ilusões, ideologias e utopias imagináveis. Ele estava muito mais interessado na verdadeira essência das coisas, da vida, da morte, do sentido do absoluto, do vazio e da decadência do que nos discursos temporais e que se diluem com o tempo. Portanto, qualquer que seja as “apropriações” possíveis de seu pensamento parecem inócuas e pueris, aberrações monstruosas daqueles quais ele se opôs, a saber, fanáticos, ideólogos, intelectuais de gabinete e dominicais de catequese, que exploram as brechas de suas analogias e do estilo aforístico de um pensador livre e por isso raro que, na verdade, estava muito pouco interessado na arte do governo ou nos jogos nefastos do poder. Esses assuntos para Cioran, quais sejam, os da promoção da política e do poder mais lhe pareciam um misterioso conto macabro, por isso parecia estar mais interessado em, por meio de seu pessimismo e fatalismo radical nos fazer enxergar entre a poeira do escombros algo de belo e inspirador, como um simples e carinhoso existir.

Referências

CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum – Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

CIORAN, E. M. *Exercícios de admiração*. Trad. José Thomaz Brum, Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

CIORAN, E. M. *História e utopia*. Trad. José Thomaz Brum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

CIORAN, E. M. *Silogismos da Amargura*. Trad. José Carlos Brum. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013.

MARX, K., ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Lisboa, Avante!, 1975.

NIETZSCHE, F. W. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Editora; Companhia das letras 2008

PECORARO, Rossano, *Cioran, a filosofia em chamas*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RAUSCHNING, H. *The voice of destruction*. G. P. Putnam's Sons, New York, 1940.

TOCQUEVILLE, Alexis de, *O Antigo Regime e a Revolução*, 2º Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2016.

TISMĂNEANU, Vladimir, *Do Comunismo: o destino de uma religião política*. Trad. Elpídio Mário Dantas Fonseca – Campinas, SP: Vide, Editorial, 2015.

VOEGELIN, Eric. *Nova Ciência da Política*. Brasília; Ed. UNB, 1982.